



Ralph Roger Glöckler

# VIAGEM VULCÂNICA

UMA SAGA AÇORIANA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

**1**

**DEUSES**

A luz da manhã é ofuscante. Pestanejando, olho atordado para o canal, enquanto mexo o meu café e medito na escuridão que me ensinou o temor. A água cintila. Fecho os olhos, mas a claridade persiste, zumbe-me nos ouvidos. Não, não foi temor, na noite passada. Foi algo muito mais existencial.

Medo.

Rajadas de vento uivam encosta abaixo, autênticos cérberos, por entre as casas. O granizo estala de encontro às persianas das janelas fechadas. Um céu encolerizado. Encontro-me agachado numa cápsula, sou lançado, sem saber para onde, através de galáxias em turbulência. Os Açores estão situados entre 35° e 40° de latitude norte. Os ventos de oeste são responsáveis, nesta *planetary frontal zone*, pela troca de massas de ar tropical e polar. Se os ventos de oeste soprarem regularmente em *zonal flow*, de oeste para leste, as correntes frias e quentes que fluem entre os anticlones a sul e os ciclones a norte misturam-se pouco. Se, no entanto, oscilarem em *meridional flow*, ou seja, em curvas norte-sul, ocorrerá uma turbulenta troca de massas de ar entre a troposfera e a estratosfera. Durante este fenómeno, formam-se anticlones e ciclones regionais. Nessa altura, os ventos precipitam-se, desaguando turbulentamente sobre as ilhas. Eu sei disso. Mas saber não ajuda. Sinto-me perdido, abandonado no meio das convulsões da atmosfera, reduzido a um grão de areia.

Acendo o candeeiro da mesa-de-cabeceira. A janela aguentará? E as paredes? O granizo diminui. Grãos dispersos arrancam ainda as persianas. Pesadas gotas caem sobre o parapeito da janela. Depois, o silêncio. Um silêncio absoluto, entorpecedor. Como é que se diz? A bonança antes da tempestade. Sempre a considereei uma expressão gasta. De repente, faz-me medo. O candeeiro bruxuleia. Apaga-se. A luz artificial tinha formado um espaço no qual podia orientar-me. Por um momento, envolveu-me numa atmosfera familiar, numa sensação de segurança. Mas a técnica nada pode contra a Natureza. Rendo-me. Que havia eu de fazer?

De repente, os caixilhos e as persianas das janelas começam a bater. Que ruído estranho, regular! O vento terá mudado de direcção? De onde e para onde terá de soprar, para dar origem a tal batida desenfreada? O vento trai-se nos cantos, esquinas e janelas. Mas não ouço nada. Está tudo calmo. Escuríssimo. Nem um único ruído. Apenas esta batida. Sinais Morse. Uma mensagem estranha. Não consigo decifrá-la. Porque vim para a ilha do Faial em Fevereiro? O mês mais invernososo do Atlântico! O ousado desafio dos furacões.

O silêncio cai. Os caixilhos e as persianas das janelas caem silenciosamente. Silêncio absoluto. Ainda respiro? A sensação de estar suspenso. Não, estou realmente suspenso. A minha cama levanta-se e ainda nenhum som. Empina-se, abana, mexe-se. Sacode-me. Já lera sobre terremotos, mas nunca testemunhara nenhum. Quase que acreditava num sonho mau. Talvez o epicentro estivesse localizado dentro de mim próprio. Focos de medo, cujas energias me acordavam em sobressalto. Não, não é um sonho. A cama abana, empina-se, desliza na escuridão. Algo se vira, cai estrondosamente no chão. Os livros escorregam da mesa-de-cabeceira, caem, abrindo-se. Procuro o candeeiro. Não o encontro. Estou cego. Apenas o leito permanece, balanceando. Em pânico, tento pôr o pé em solo firme. Salto da cama. O sobrado está levantado, dá de si. O chão foge-me debaixo dos pés. Precipito-me através do Universo.

De repente a calma. Estou deitado no chão, retenho o ar. Os ossos doem-me. Levanto-me com dificuldade. Tenho os pés

firmes. O espaço volta a ganhar forma, apreendo os objectos familiares — mesa, cadeira, armário.

Luz.

A cama em desalinho. O cobertor de lã azul fora do sítio, meio atirado para o chão. À medida que recomeço a respirar, sou confrontado com uma paisagem desfasada. Cobertores de lã amarfanhados envolvem lençóis brancos em desalinho. Tectónica da crosta têxtil. O sinal de um alarme soa até mim estridentemente, por detrás das casas. A humanidade volta a dar sinal de vida. *Moby Dick* e as cartas de Plínio, *o Moço*, estão abertos aos meus pés. Crise sísmica, penso com cínica satisfação, agora que já tudo passou. A crise sísmica que tinha começado no ano passado fora o motivo pelo qual deixara Lisboa e voara para o Faial. Terramotos. Queria saber como era.

O café anima-me. Nuvens aproximam-se deslizando, filtram a luz. São oito e meia. Sou o único hóspede no restaurante. A empregada de mesa vagueia melancolicamente o olhar. É deprimente trabalhar num hotel praticamente sem hóspedes.

Descubro o cão em cima do telhado da casa que vejo da minha mesa. É uma habitação pequena, há pouco coberta de telha. As telhas de barro sobressaem no seu castanho-avermelhado, em contraposição à água cor de chumbo. O animal olha atentamente sobre o canal para a ilha do Pico. O que é que verá? O Pico fica distanciado do Faial apenas algumas milhas ou 30 minutos, por vezes tempestuosos, de viagem com o *Cruzeiro do Canal*. O vulcão, um Fujiyama atlântico, com mais de 2300 m de altura, domina o grupo central do arquipélago. É a montanha mais alta de Portugal, que, vista do Faial, oferece uma visão de infinita metamorfose. E é uma montanha perigosa. As câmaras de magma encontram-se sob o Pico e o Faial.

O cão vira a cabeça, olha para baixo, como se conseguisse ver até à cave da casa. O diabo coxo de Lesage também possuía essa capacidade. Via as pessoas sob os tectos. Aqui, no Faial, todos conseguem. Até os cães. Os meus amigos conhecem a história de cor e salteado.

## ÍNDICE

1 — DEUSES .....	7
2 — MISSA TELÚRICA .....	15
3 — RUÍNAS .....	37
4 — O BINÓCULO DO CUNHA .....	61
5 — ÍPSILON .....	73
6 — GRABEN, FALHAS, ALMOFADAS DE VIDRO .....	109
7 — FÚRIAS .....	123
8 — O SORRISO NO FIM DO MUNDO .....	151
9 — O DIVINO DOBRA OS SINOS .....	163